

PORTUGAL ORTODOXO

A ALMA PORTUGUESA

Tradução: Fabio Lins

As Nações dos homens existem pelo que há de melhor no homem, e são destruídas pelo que há de demoníaco nele.

John Masefield, Gallipoli

Toda terra passa por períodos de grandeza e períodos de declínio. Os períodos de grandeza expressam o entusiasmo da terra e seu povo por algum ideal e insight espirituais, por alguma grande idéia. Nestes momentos a essência espiritual de um país, a alma de seu povo, se torna aparente. Períodos de declínio expressam a traição e a perda desse ideal em favor de uma atração fatal e decadente por uma paixão mundana por riquezas terrenas, terra e poder, e obscurecimento daquela alma nacional e sua essência espiritual. Deste modo muitos grandes impérios, tanto antigos quanto novos, ergueram-se e caíram, seja o Babilônio, o Egípcio, o Macedônio, o Romano Ocidental, o Persa, o Romano Oriental, o Zimbabwense, o Mongol, o Asteca, o Inca, o Português, o Espanhol, o Mogol, o Chinês, o Otomano, o Austro-Húngaro, o Francês, o Britânico ou o Soviético. Iremos aqui analisar a grande idéia e o ideal espiritual que flamejava na alma de Portugal e seu povo.

O primeiro período da história de Portugal, o período Ortodoxo, começa antes mesmo de Portugal como o conhecemos hoje existisse, com a missão de São Tiago Apóstolo, filho de Zebedeu e irmão de São João, aos habitantes romanizados da Península Ibérica. Até hoje sua memória é lembrada na Galícia, ao norte das atuais fronteiras de Portugal, na grande cidade de peregrinação de São Tiago - Santiago de Compostela, na qual suas santas relíquias ainda são veneradas. Tal era a fama deste lugar que em 1049 o Bispo de Compostela foi excomungado pelo recém-reformado papado por dizer a verdade: que ele também, como o Bispo de Roma, era bispo de uma Sé Apostólica. Embora hoje Santiago esteja fora das fronteiras portuguesas na Galícia – que fala um dialeto próximo ao português – a peregrinação à cidade do Santo Apóstolo Tiago marcou, como veremos, a alma portuguesa por toda a sua história.

O primeiro santo da Lusitânia e da Galícia, como Portugal era então conhecido, é do primeiro século. Trata-se de S. Basílio (23 de maio), o primeiro Bispo de Braga, aquela cidade no norte de Portugal que se tornou o coração espiritual do país, dando origem ao ditado português, “tão velho como a sé de Braga”. A ele seguiram os mártires S. Paulo, Heracléus, Secondilla e Januarius do Porto (02 de março). S. Veríssimo, Máxima e Júlia de Lisboa (01 de outubro) foram todos martirizados por volta do ano 300, e S. Vítor de Braga (12 de abril) foi batizado em seu próprio sangue recusando-se a adorar os ídolos em 303.

No quinto século, depois da invasão da Península Ibérica pelas tribos germânicas dos Suevos e dos Visigodos que adotaram o arianismo, outro mártir viria a adornar a Igreja Portuguesa: S. Pedro, Arcebispo de Braga (26 de abril). E ainda S. Mancius, Bispo de Évora (15 de março) também foi martirizado no século V d.C. . Depois destes veio o

grande santo português e pai monástico, S. Martinho, Arcebispo de Braga (579), comemorado no dia 20 de março e conhecido como Apóstolo da Galícia, que converteu o rei dos suevos do arianismo para a Ortodoxia e que, junto com seu discípulo Pascanius, traduziu os Ditos dos Padres do Deserto do grego. E não podemos deixar de mencionar o nome de um outro grande pai monástico, S. Frutuoso de Braga (665), comemorado no dia 16 de abril, o qual, iluminando os visigodos, escreveu uma regra monástica. Deste período existem ainda as igrejas do século sétimo de S. Frutuoso em Montélios, perto de Braga, construída para as relíquias de S. Frutuoso na forma de uma cruz grega e de S. Pedro em Balsamão e de Santo Amaro em Beja.

Este primeiro período da história e de prosperidade espiritual portuguesa terminou em 711 com a invasão dos mouros vindos do norte da África. Eles iriam tomar a maior parte da Península Ibérica e mesmo ameaçarem os povos vivendo no território do sul da França, onde foram detidos apenas na Batalha de Poitiers em 732. É desta época que vem a famosa lenda ibérica de sete bispos que fugiram através do Atlântico para “Antília”, a Ilha de Sete Cidades, uma lenda que iria assombrar a consciência portuguesa, como veremos, por muitos séculos. As invasões mouras provocaram um movimento de resistência cristã nos séculos 9 e 10, que lutavam para libertar o norte e o centro da Portugal atual do jugo muçulmano. Dois santos destacam-se neste período: S. Rosendus de Dume (967), santo bispo e restaurador do monasticismo na Galícia, celebrado no dia 01 de março, e sua parente, a santa abadessa Senhorinha de Basto (982), celebrada no dia 22 de abril. A época também pertencem as outras únicas igrejas Pré-Romanescas, ou Ortodoxas, de Portugal, em Lourosa, fundada em 913.

Este segundo período da história portuguesa, o do Jugo Muçulmano, começa então em 711 e irá durar na maior parte do centro de Portugal até 1064. Foi neste ano que uma reconquista iniciou-se do norte, da região livre do Porto, a qual em 1139 iria determinar as fronteiras de um novo estado independente de nome inspirado em si – Portugal. Esta Reconquista não estaria completa até o século XIII no sul de Portugal, onde a presença árabe ainda é muito lembrada pelos nomes de muitos lugares, como ‘Algarve’, o qual em árabe significa ‘o ocidente’.

Gradualmente então, depois de 600 anos, o Jugo Muçulmano fora rechaçado. Mas depois disto Portugal teria que enfrentar uma nova tragédia, pois a Reconquista de 1064 fora patrocinada por uma nova ideologia estrangeira – o Catolicismo Romano. Por volta de 1080 esta ideologia, desenvolvida pelo agressivo Papa Hildebrando e utilizando influência francesa, já havia quase que completamente suprimido o muito amado rito litúrgico Moçárabe ou Hispânico que havia conservado a antiga liturgia romana e ocidental dos primeiros séculos. Em torno de 1147, quando Lisboa finalmente foi retomada dos mouros, estava claro que a conquista litúrgica de Portugal e de toda Ibéria estava completa: a antiga espiritualidade Ortodoxa Romana-Moçárabe dos primeiros dez séculos de história ibérica havia desaparecido. A era do Jugo Muçulmano havia acabado, mas também a era de grandeza espiritual portuguesa. Esta fora substituída por uma nova ideologia papal disseminada por uma elite na França, uma ideologia que se tornou cada vez mais forte ao longo da Idade Média. Os fiéis portugueses se encontravam privados da fé de seus ancestrais, naquele estado de privação espiritual que tem sido a amarga herança e doença da Europa Ocidental durante todos estes longos anos desde o século XI.

No século XIII, portanto, a alma e a história de Portugal haviam sido capturadas por uma nova ideologia e surgia no povo português uma saudade por um Espírito Santo ausente, por um Paraíso perdido que seus ancestrais haviam conhecido. Assim, com o fim do Jugu Muçulmano, inciou-se o terceiro período da história portuguesa, e que atingiu seu apogeu nos séculos XV e XVI. Este é o período dos grandes exploradores, como Henrique, o Navegador, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Alfonso de Albuquerque, Pedro Álvares Cabral e Fernão Magalhães, quando a influência portuguesa se espalhava não apenas da África ao Brasil, mas também até a China e o Japão. Este período de grandes descobertas iria terminar no século XVI quando Portugal inicia seu súbito e enigmático declínio, o quarto de sua história. O enigma do quarto período, seu declínio, só pode ser compreendido em contraste com o seu terceiro período, o de grandeza mundana. O que é que movera os exploradores portugueses e mesmo não-portugueses envoltos neste mesmo espírito, a navegar de Portugal em busca do desconhecido e assim lançar os fundamentos de um império colonial? Para compreender o espírito destes exploradores e porque partiram, não podemos fazer melhor senão observarmos o mais famoso exemplo, o de um não-português, que partiu com apoio espanhol: Cristóvão Colombo.

Nascido em 1451 em Gênova mas quase certamente de origens ibero-judaicas, Colombo ou Colón como preferia ser chamado, conhecia o Mediterrâneo muito bem como marinheiro e era um reconhecido cartógrafo. Com a idade de 25, iniciou morada em Portugal, casou-se com uma portuguesa e viveu por algum tempo na recém-descoberta ilha de Madeira, em cujas praias ele comumente encontrava plantas e madeiras que vinham flutuando de algum país misterioso ao oeste. De Madeira e Portugal ele navegou para África, Inglaterra, onde os navegantes lhe falavam de Newfoundland e para Irlanda e Islândia, onde mais uma vez ouvia falar de terras ao oeste. De 1480 em diante, Colombo torna-se fascinado pela idéia de explorar o oeste, convencendo-se que não apenas encontraria uma nova terra, mas um Novo Mundo, a Jerusalém Terrena. De caráter instável, às vezes beirando a insanidade, este homem de origem judaica, se sentia escolhido por Deus como Messias para a missão de descobrir um Novo Mundo. Nisto ele era guiado por uma profecia do Livro de Isaías (11:10-12), que diz:

“Naquele dia a raiz de Jessé será posta por estandarte dos povos, à qual recorrerão as nações; gloriosas lhe serão as suas moradas.

Naquele dia o Senhor tornará a estender a sua mão para adquirir outra vez e resto do seu povo, que for deixado, da Assíria, do Egito, de Patros, da Etiópia, de Elão, de Sinar, de Hamate, e das ilhas de mar.

Levantará um pendão entre as nações e ajuntará os desterrados de Israel, e es dispersos de Judá congregará desde os quatro confins da terra.”

Colombo foi ainda inspirado por muitos escritos e tradições, algumas das quais vinham da Grécia Antiga. Além das mais antigas, havia a bem conhecida lenda do sexto século da vida do irlandês S. Brandão, o Navegador, que havia navegado para uma terra além do Atlântico, uma entrada para o Paraíso terrestre. Esta terra era chamada “Brasil”, significando em Gaélico “grande ilha”. Em segundo lugar, Colombo conhecia bem de Portugal a história de Antília, a Ilha das Sete Cidades, para onde haviam fugido sete bispos depois da invasão dos mouros em 711. Por fim, havia o fato de quem em 1492 (o simbólico ano de 7000 desde a Criação do Mundo, e que Colombo entendia literal e não simbolicamente), a Reconquista da Península Ibérica tinha se completado e muitos

desejavam levar a Reconquista além tomando Jerusalém e assim iniciar o oitavo e último milênio no qual o mundo iria acabar.

De fato, no ano de 1492, o primeiro ano do oitavo milênio, Colombo partiu para encontrar o “Novo Mundo”, descobrindo o que hoje chamamos de Índias Ocidentais. Em 1493-4 ele retornou ao local com sete navios e mais de mil colonistas. Colombo estava convencido de que havia encontrado naquelas ilhas não apenas “Antilia”, a Ilha das Sete Cidades, mas também ‘Cipango’ (Japão) e Índia.

Foi por causa destes erros que o nome de “Índias Ocidentais” foi dado a estas ilhas e que o nome “índios” foi usado para todos os habitantes das Américas e que as Índias Ocidentais também eram conhecidas como Antilhas. Em uma terceira expedição, em 1498, Colombo descobriu a América do Sul. Tendo encontrado um enorme golfo de água doce na boca do Orinoco, ele decidiu que este seria um dos quatro rios que fluem do Paraíso, como descrito no Gênese, capítulo 02:

“10. Um rio saía do Éden para regar o jardim, e dividia-se em seguida em quatro braços: 11. O nome do primeiro é Fison, e é aquele que contorna toda a região de Evilat, onde se encontra o ouro. 12. O ouro dessa região é puro;”

Retornando a Espanha, de 1500 em diante Colombo se tornou mais e mais obcecado em encontrar este Paraíso, a Jerusalém terrena, a cuja descoberta seguir-se-ia o fim do mundo. Em 1502, ele partiu em uma quarta expedição, buscando a não-existente passagem através do que é hoje o Panamá para o que haveria depois – o Paraíso. Em 1504 Colombo iria retornar, exausto e amargamente decepcionado, sem ter encontrado o tal Paraíso. Os colonizadores que viajaram com ele revoltaram-se contra o navegador, por não terem encontrado ouro o suficiente, trucidando e explorando os povos indígenas primitivos. Colombo não viveu à altura de seu nome: Cristóforo Colón – O Colonizador Portador de Cristo.

Mesmo sem que ele mesmo tenha nascido em Portugal, Colombo ilustra bem a tragédia histórica de Portugal, o resultado de inúmeros fatores específicos. Primeiramente, como resultado da perda de sua fé Ortodoxa, Portugal perdeu o Espírito Santo, o Espírito que havia sido trazido ao território português por S. Tiago, o Apóstolo. Em segundo lugar, Portugal teve suas ambições frustradas por séculos pelo Jugo Muçulmano. E em terceiro lugar, sua posição geográfica era tal na extremidade da Europa que Portugal sempre contemplava com curiosidade o sol poente através do misterioso Oceano Atlântico, fonte de tantas lendas.

E não menor entre estas lendas é a de que a Antiga Fé de Portugal poderia ser ainda encontrada além-mar, entre os sete bispos da Ilha das Sete Cidades. A idéia nacional e o ideal espiritual da alma de Portugal, uma alma peregrina desde a época de São Tiago Apóstolo, chegou a fruir no século XV quando partiram em na jornada pelo Espírito Santo, por Jerusalém, pelo Paraíso. No entanto, privados da orientação espiritual e sem guias, confundiu o terreno e o celestial, e os que partiram não encontraram o Paraíso, mas ouro, poder e as terras de povos primitivos. Não encontraram Jerusalém, mas a Babilônia, encontraram não um Império da alma, tal como S. Martinho de Braga uma vez lhes descrevera, mas um Império da terra.

Apenas este veneno pode explicar porque, depois de dois séculos de explorações heróicas entre 1384 e 1580, Portugal entrou em rápido declínio. Portugal não encontrou o Espírito Santo, mas ouro, poder e território; encontrou não o espiritual, mas o material e assim esqueceu e abandonou sua alma peregrina, traindo sua essência e ideal espirituais, sua peregrinação celestial, tornando-se apenas um agregado material. Portugal deixou de se desenvolver, deixou de trabalhar a si mesmo, perdendo seu grande ideal, seu destino espiritual e seu insight e decaiu, tornando-se uma nação esquecida pela Europa.

E hoje, tudo isso é lembrado não apenas pela palavra portuguesa 'saudade', que significa um desejar nostálgico e um anseio triste de um povo cuja alma peregrina está capturada entre o céu e a terra sem o Espírito Santo, mas também no lamento melancólico e assombrado da música tradicional portuguesa, o 'fado'. E ainda assim temos certeza que quando a alma Portuguesa despertar para sua Antiga Fé, então grande será a festa de seus peregrinos ao reencontrar a fé de S. Tiago Apóstolo e dos sete bispos da Ilha das Sete Cidades.

Todos os santos da Terra Portuguesa, orem a Deus por nós!